

**REJANE DE MATTOS SOARES**

**ALUNO FELIZ NA ESCOLA – A IMPORTÂNCIA DO ESTÍMULO  
MOTIVADOR PARA O SUCESSO ESCOLAR**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**ALUNO FELIZ NA ESCOLA – A IMPORTÂNCIA DO ESTÍMULO  
MOTIVADOR PARA O SUCESSO ESCOLAR**

**REJANE DE MATTOS SOARES**

**Monografia apresentada em cumprimento à  
exigência da UNIRIO, como requisito parcial  
para conclusão do Curso De Licenciatura Plena  
em Pedagogia.**

**RIO DE JANEIRO  
UNIRIO  
2008**

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio**  
**Centro de Ciências Humanas e Sociais**  
**Escola de Educação**  
**Departamento de Didática**  
**Disciplina – Monografia II**

**Reitora – Profª Malvina Tania Tuttman**  
**Vice-Reitor – Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca**  
**Decana – Profª Drª Julia Belesse da Silva Lins**  
**Diretora – Profª Drª Janaina Specht da Silva Menezes**  
**Professora responsável pela disciplina – Profª Drª Janaina Specht da Silva Menezes**  
**Professora Orientadora – Professora Sandra Albernaz de Medeiros**

## Agradecimentos

A Deus por ter me dado o apoio e a força necessárias nos momentos em que eu acreditei que não conseguiria.

A minha orientadora Sandra Albernaz por me mostrar o melhor caminho e por todo o empenho fornecido para a produção deste trabalho.

Ao meu namorado Carlos Alberto Moreira Junior pela paciência, pela compreensão e pelo carinho dedicado.

A minha amiga Luciana Carone Cruz, leitora assídua durante a confecção deste trabalho.

## A ESCOLA

Escola é...

O lugar onde se faz amigos,

Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos

Escola é, sobretudo, gente...

Gente que trabalha, gente que estuda,

Que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente.

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um

Se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.

Nada de conviver com as pessoas

E depois descobrir que não tem amizade a ninguém,

Nada de ser como o tijolo que forma a parede,

Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

É também criar laços de amizade,

É criar ambiente de camaradagem,

É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora, é lógico....

Numa escola assim vai ser fácil

Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se,

Ser feliz.

(Paulo Freire)

## SUMÁRIO

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                      | 08 |
| CAPÍTULO 1 - MINHAS OBSERVAÇÕES ..... | 11 |
| CAPÍTULO II – MOTIVAÇÃO .....         | 21 |
| 2.1- AFETIVIDADE .....                | 23 |
| 2.2 - TEORIA DA MOTIVAÇÃO .....       | 26 |
| 2.3 – RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO ..... | 29 |
| CONCLUSÃO .....                       | 34 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....      | 36 |
| ANEXOS .....                          | 39 |

## INTRODUÇÃO

Escolhi o tema motivação para ser meu tema de monografia, com o intuito de desvincular esta palavra do sentido que a ela foi rotulado. Devido ao fracasso escolar, constantemente presenciado em nossas escolas, esta palavra foi substituída pelo seu antônimo "desmotivação". Por tal motivo, entendo que é possível conseguir um bom resultado no processo-aprendizagem, incentivando o aluno a fim de que ele se sinta motivado para assimilar o conhecimento. Penso que as atividades propostas fazem parte de um projeto educativo da escola, só assim as atividades serão um incentivo ao uso do intelecto, podendo ser um bom exemplo de procedimento motivador.

Com o intuito de reforçar minha discussão, descreverei o período de observação efetuado durante o mês de Maio de 2008 em uma turma de 5º ano do ensino fundamental da escola Sá Pereira, considerada uma escola modelo na obtenção do resultado esperado no processo ensino-aprendizagem, a fim de caracterizar o papel da motivação para o sucesso escolar. Através desta monografia, pretendo responder a quatro questões: *Como age uma turma motivada?; Quais as características de uma turma motivada?; O que podemos fazer para provocar motivações nos nossos alunos em sala de aula?; Qual o papel da motivação no sucesso escolar?*

Pretendo falar sobre o papel da motivação em sala de aula, pois creio que o professor deve despertar o desejo pelo saber no aluno, estimulando-o durante o processo ensino-aprendizagem, a fim de que este processo seja produtor de conhecimento. Tendo em vista a complexidade existente, até mesmo pelo fato de que no atual sistema escolar, o processo educacional é o fator menos relevante, assim como a assimilação do conteúdo fornecido ao mesmo, consideramos a seguinte afirmação:

"O que se observa é que a escola administrada sob a ótica da organização tem perdido a dinâmica de seu próprio trabalho, no sentido de que fala Bleger

(1991), ao considerar que, na organização, os objetivos, pelos quais foram criados, ficam em segundo plano, colocando, em primeiro, a perpetuação da organização onde os meios transformam-se em fins, com a tendência de manter a estrutura do problema que ela tenta enfrentar e pela qual foi criada. No caso da escola, a preocupação, com as denominadas "atividades- meio" (merenda escolar, documentação, limpeza, conservação do prédio), tem deixado, em último plano, o processo educacional. A escola está mais voltada para atender a burocracia, os mecanismos de apoio, do que para educar, no momento em que favorece a repetência, a evasão ou o abandono". (THOMAZ, 1997)

Para que o processo educacional possibilite o sucesso escolar, é necessário que o professor motive seu aluno, pois de acordo com Myers (1999, p.254), motivação é um conceito, significando uma necessidade ou um desejo que aciona ou põe em ação o comportamento e o orienta para um objetivo. Conforme Bzuneck (2000, p.9) "a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso".

Pode-se dizer que a motivação é um processo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido (Balancho e Coelho, 1996).

Neste caminho, Not (1993) afirma que "toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção". No campo da Psicologia esse dinamismo tem sua origem nas motivações dos sujeitos. Assim, pode-se afirmar que a motivação é uma pré-condição para a aprendizagem, pois ela dá direção e intensidade à conduta humana num contexto educativo. Assim, citando Paulo Freire, devemos concordar que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". (1997, p.52).

Para Vigotsky (1993, p.58) a aprendizagem é um processo que se dá na interação entre o aprendiz e o meio, escola, família e sociedade, ocorrendo através de

estruturas complexas da construção do conhecimento que integra o pensar, sentir, o falar, o intuir e o agir.

Na escola, o ambiente escolhido para a aprendizagem formal é a sala de aula, onde os professores podem estabelecer as relações positivas ou negativas, as impressões e as expectativas em relação aos alunos. Porém, de acordo com Paulo Freire, é necessário que o educador reconheça a sala de aula como um lugar que promove aprendizagens, onde os papéis (professor-aluno) se complementem, pois segundo ele "não há docência sem discência, as duas se explicam em seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (2000, p.25).

Com isso, a sala de aula se torna lugar de aprendizagens, onde no convívio diário professor-aluno, ela possibilita um crescimento a partir da complementação de papéis a serem desempenhados, considerando que, para o aprendizado é essencial relacionar o aspecto cognitivo ao afetivo no processo do conhecimento.

## CAPÍTULO I - MINHAS OBSERVAÇÕES

Depois desta pequena introdução, descreverei um pouco sobre o período em que pude fazer meu estágio supervisionado a fim de transcrever as experiências vividas neste trabalho final de curso. A Escola Sá Pereira foi a escolhida, pois, quando estive em 2007, observando as aulas da professora de Matemática da turma de 4º Ano (equivalente à Terceira Série) para fazer meu trabalho final para a disciplina Matemática: Conteúdo e Forma, fiquei encantada pela forma inovadora de se ensinar matemática, fugindo daqueles exercícios rotineiros de Arme e Efetue.

O que mais me deixou encantada foi ver o material utilizado pela professora para ensinar matemática. O livro da Família Gorgonzola é muito interessante e me cativou (em anexo, segue o material utilizado).

Esta escola, localizada em Botafogo, se trata de uma escola particular com turmas até o Quinto Ano, a fim de preparar o aluno para que este consiga ingressar em escolas como o Pedro Segundo, através do bom resultado nas provas necessárias. Consultando o site desta escola, verifiquei que sua proposta pedagógica é muito cativante e por tal motivo a transcrevo como anexo no fim deste estudo.

Digo cativante, pois uma proposta pedagógica que consegue se fazer presente na prática é algo muito raro nas nossas escolas, bem como deixar a voz da criança ecoar pela escola. O encontro Tribos permite que a criança exponha seus pontos de vista, sendo esses respeitados, analisados e valorizados pela direção e isso me deixou muito fascinada por esta escola. Algo a ser ressaltado também se refere a criação das regras de convivência. Essas regras são criadas anualmente durante os encontros Tribos, tendo total participação dos alunos. São eles que estipulam as regras que acham mais convenientes para o bom andamento das aulas, por terem maior autonomia e independência para se responsabilizar por seus compromissos. Como achei este roteiro das regras muito interessante, ele segue em anexo.

Em relação à Proposta Pedagógica, vale ressaltar que verifiquei que realmente se trata de um ambiente de aprendizagem estimulante em que a cooperação, a indagação e a emoção sejam férteis. Um espaço no qual a qualidade das relações humanas e o exercício da escolha e da decisão favoreça a construção gradativa de um sistema de valores morais. A partir do momento em que as crianças do Ensino Fundamental têm autonomia para criar as regras de convivência, é visível a inserção dos valores morais considerados corretos nessas crianças.

Esta proposta se baseia no princípio de que a criança, com essa prática, desenvolve, também, responsabilidade e postura crítica. Entende-se a criança como um sujeito social e histórico. Não apenas um sujeito em crescimento, que se tornará alguém no futuro, mas indivíduo e cidadão hoje. Alguém que já produz cultura.

A reflexão sobre as funções da escola e a percepção que a escola não existe apenas para transmitir conteúdos, mas também facilitar a construção de critérios, indispensáveis para as crianças interpretarem o mundo e escreverem suas próprias histórias, me fez perceber que, ao contrário do que é comumente visto, as crianças são incentivadas a terem suas próprias idéias e estas são respeitadas e valorizadas, e nesse processo de valorização, elas não podem depender apenas das escolhas dos adultos. É preciso que vivam a experiência positiva do confronto e da solidariedade; decidam e se comprometam após as escolhas; projetem-se no tempo através do planejamento de suas próprias ações e das ações do grupo a que pertencem; assumam responsabilidades; sejam agentes de seus aprendizados produzindo algo que tem sentido e unidade; compartilhem seus saberes espontâneos reorganizando-os e ampliando-os.

Através das vivências e do fazer artístico, buscamos o exercício do pensar, do discutir e do analisar os aspectos estéticos, manifestados em diferentes épocas e culturas. O desenvolvimento das habilidades específicas de cada linguagem (Artes Visuais, Teatro, Dança, Música) se dá através de projetos que integram as diferentes disciplinares escolares.

O trabalho com Projetos (aula observada por mim no ano corrente) visa, em última análise, a promover um processo de ensino e aprendizagem compatível com a avalanche de informações que hoje nos surpreende e, ao mesmo tempo, instiga e provoca. O material a ser utilizado durante o Projeto é decidido na sala de aula entre o professor e as crianças, que são quem dá a decisão final. A partir dessa escolha, cada turma tenta encontrar um caminho próprio, uma abordagem única dentro desse território de pesquisa e busca de conhecimento. Dessa forma, os Projetos podem ser compartilhados por todos ou apenas atender aos interesses de uma turma. Mas terão sempre pontos de convergência ligando-os ao interesse geral da comunidade escolar, favorecendo a troca e a circulação de informações, garantindo a cooperação e a democratização do saber.

Optamos por concentrar em tempos de aulas destinados ao desenvolvimento de Projetos de Trabalho, que são conduzidos por um único professor (no caso, a Professora Flávia Lobão), as atividades e conteúdos relacionados à Língua Portuguesa e às Ciências Naturais e Sociais.

Os professores das outras áreas buscam, sempre que possível, pontos de encontro com o Projeto de Trabalho de cada série. Temos a preocupação de promover a integração e o envolvimento de toda a equipe no desenvolvimento de um projeto transdisciplinar, no qual cada professor busque atingir os objetivos específicos das áreas em que atua, além de se comprometer e colaborar com o alcance das metas gerais da escola. Dessa forma, acreditamos poder transmitir a nossas crianças um olhar mais compatível com o momento em que vivemos, que é repleto de informações e urgências.

Descrevendo esta escola, posso dizer que o espaço físico dela é muito bom. O pátio dela é bastante espaçoso. A biblioteca também é muito grande e utilizada como sala de vídeo e espaço para o encontro Tribos também; nela se encontram muitos livros, um quadro negro, uma televisão e um dvd modernos. Assim como a biblioteca, as salas de aula são bem iluminadas e espaçosas. Cada sala de aula possui um ar condicionado e um computador, além do quadro negro e dos murais. As mesas são

satisfatórias e muito confortáveis, além de possuírem um bom espaço para o aluno desenvolver as atividades sugeridas durante as aulas. São salas bem arejadas e constantemente limpas, principalmente, porque os alunos colaboram com a limpeza. Ainda temos um espaço para as aulas de artes e uma sala destinada às aulas de teatro e de música. Ambos espaços são bem arejados, amplos e preenchidos por todos os equipamentos necessários, incluindo fantasias. Todas as salas são pintadas de branco.

O encontro Tribos é realizado semanalmente em todas as séries do Ensino Fundamental, é um momento de troca e análise das situações que mobilizam as crianças no dia-a-dia dentro ou fora do ambiente escolar, quando elas têm um tempo e um espaço dedicados somente a colocar suas idéias, discutir a sala de aula, a escola, o mundo. Exercita-se o ouvir e o pensar, especialmente o ponto de vista do outro. É a oportunidade de uma reflexão maior, sobre as questões relacionadas à comunidade escolar, além das realizadas no espaço da sala de aula. Aprende-se a optar e a comprometer-se com o que foi combinado ou votado.

A disciplina é conquistada através da construção coletiva de regras e valores para o bom funcionamento do grupo e da conscientização das regras sociais de respeito ao outro, buscando posturas adequadas a todas as vivências na escola e na sociedade.

Falar desta escola para mim é motivo de muita alegria, pois ela mostrou o quanto é possível amar a profissão de educadora, sendo uma profissional satisfeita ao obter os objetivos desejados, tendo, além disso, o carinho de seus alunos. Impossível esquecer a afetividade presenciada entre alunos e professora. Digo afetividade, pois presenciei o respeito existente nesta relação, onde não havia gritos, mas sim elogios e valorização dos esforços. Nas turmas observadas, senti falta de algumas coisas, presenciadas anteriormente em outras observações, como a estranheza e a curiosidade dos alunos em relação a mim e a falta de autoritarismo por parte da professora. As turmas observadas nesta escola me trataram de uma forma acolhedora (não posso deixar de descrever aqui a atitude de um aluno que ao distribuir chocolate pela turma, não me deixou de fora e me ofereceu também) e as professoras deixavam bem claro a cada

momento que não eram as dominadoras do saber; aceitavam e elogiavam as respostas e os raciocínios dos alunos para resolverem determinados exercícios.

Quando retornei a procurar a escola supracitada, já que foi nela em que fiz observação para uma outra disciplina, fui informada que, a professora anteriormente observada, tinha se desligado da escola. Foi então que pedi para observar uma professora de quem já tinha ouvido falar. Prontamente fui atendida, sendo direcionada para a turma que ela ministra, uma turma de Quinto Ano (equivalente à 4º Série).

### **Nomenclatura – Escola – F5TB**

F – Ensino Fundamental

5 – Quinto Ano (Antiga Quarta Série)

TB – Turno da Tarde

A turma observada por mim se trata de uma turma tranqüila e bastante participativa. Como toda criança existia os momentos de dispersão, mas nada que atrapalhasse o bom andamento das atividades e da aula. Não sentia a professora desgastada devido ao mau comportamento da turma, e aí acredito que o fato das regras de convivência terem sido criadas com o auxílio das crianças, tenha influência, pois elas decidiram o melhor jeito de se relacionarem e aproveitarem da melhor forma possível o momento em que estão na escola.

Entre os alunos e a professora existe uma boa relação, baseada no respeito mútuo e na tranqüilidade da professora, que não altera o tom de sua voz, sempre firme, para que a turma preste atenção. E isso acarreta um resultado satisfatório no processo ensino-aprendizagem, já que uma boa relação em sala de aula serve de um estímulo para a assimilação do conteúdo que está sendo transmitida, por permitir uma maior interação, participação e troca de idéias e experiências. É importante se permitir não só ensinar ao aluno, mas possibilitar que o aluno ensine ao professor.

Durante o período em que estive observando esta turma, participei de uma festa surpresa para a professora, no dia de seu aniversário em que os alunos, além de colaborarem com a elaboração da festinha, ainda deram muitos presentes. E esta festa me fez perceber o quanto a afetividade deve estar presente no processo de ensino-aprendizagem, pois somente se deixando envolver pelos seus alunos e sabendo seduzi-los, efetuando atividades de fácil aceitação por eles, é que o conhecimento e o saber é verdadeiramente transmitido e assimilado. Como diz Paulo Freire "quem ensina aprende ao ensinar", ou seja, é primordial perceber que durante o período em sala de aula não ocorre um conhecimento transmitido pelo professor e assimilado pelo aluno, mas sim uma troca de idéias, experiências e informações entre ambos.

Ao perceber a existência da afetividade, resolvi fazer este trabalho, pois vi que o sucesso escolar é possível e nós professores somos responsáveis por obtê-lo. Confesso que me sentia desmotivada em abraçar esta profissão, por ter visto tanto professor agir de uma forma diversa do que eu acreditava ser certa. E essas atitudes equivocadas resultavam no fracasso das turmas previamente assistidas, sendo este visivelmente notado pelas baixas notas na avaliação. O que mais me entristecia era perceber que as crianças não sentiam vontade de estar ali e o único momento de alegria para elas era o momento do recreio, que bem se sabe, geralmente é bem curto e não permite que a criança se extravase.

Voltando para esta escola de pura satisfação e para comprovar o bom rendimento dos alunos nas atividades propostas, segue abaixo um tipo de exercício que registrei em meu caderno de campo na minha primeira observação.

Durante um semestre, depositarei 250 reais por mês em uma conta poupança.  
Quantos reais eu depositarei na poupança nesse semestre?

Resposta dada por aluna no quadro negro:

250 – 1º mês    250

250 – 2º mês    x 6

250 – 3º mês \_\_\_\_\_

250 – 4º mês 1500

250 – 5º mês

250 – 6º mês

Total – 1500 reais

Retornando ao livro citado no início deste capítulo, acho interessante destacar o motivo pelo qual ele foi escolhido e ressaltar que na nova escola para qual esta professora se encaminhou e que se trata de uma escola tradicionalista,este livro não poder adotado.Este livro foi escolhido para a escola citada neste trabalho por conter problemas com enunciados irreverentes, alegres, o que parece “desafiar” as crianças a buscarem procedimentos de cálculo bem originais, pessoais mesmo. As situações fogem do padrão escolar e além de trabalharem com as quatro operações incentivam o cálculo aproximado, a estimativa. Assim, acredito ser um bom material para a elaboração de estratégias pessoais de cálculo, envolvendo uma variedade razoável de situações. Acredito também que é um excelente material para um trabalho integrado entre Matemática e Língua Portuguesa, vale ressaltar, porém, que apesar dessa possibilidade o que está na centralidade é o trabalho com os “números”. Assim, é importante que o professor busque uma boa medida para as intervenções com relação à Língua,para que isto não se torne um “impedimento” para o envolvimento com as situações-problema.

Além do livro escolhido, esta professora utiliza um caderno, já que na sua concepção o caderno deve retratar a concepção que temos com relação à Matemática. Pois desta forma é possível trabalhar com situações envolvendo problemas do cotidiano, jogos, desafios, tratamento da informação e que tenha muita arte!

Esta professora diz que o caderno deve ser bem colorido e alegre, bem diferente do que é tradicionalmente visto: um caderno cheio de “continhas” e de exercícios de arrem e efetue.

Continuando a relacionar a observação que fiz com o tema motivação, sinto que é indispensável falar sobre a relação professor-aluno. De acordo com Rubem Alves, no livro Educação dos sentidos, 2005:

“...Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro...”(p. 70)

Concordando com a frase acima descrita, devo descrever que durante as aulas assistidas, pude perceber a falta do autoritarismo na relação professor-aluno, já que a professora, ao constantemente elogiar as atividades dos alunos, corrigidas em sala de aula, deixava bem claro não ser a que dominava o conhecimento, apenas a transmissora. Não presenciei críticas nem desvalorização do que o aluno respondeu nas atividades. Não ouvi a frase “É assim que você deve responder ao exercício” como se aquela resposta só pudesse ser obtida de uma única forma, pelo contrário, esta professora valoriza a tentativa do aluno em superar as suas dificuldades, estimulando-o a refazer o que podia ser melhorado.

Recordo de uma correção de uma atividade sobre gírias em que um aluno colocou como resposta uma gíria que na verdade não era considerada gíria. A professora, em vez de considerar a resposta como errada e não permitir que o aluno refletisse melhor sobre a possível resposta correta, solicitou que o aluno se sentasse e refizesse o dever, para depois novamente falar para a turma. Agindo desta forma, esta professora demonstra não ignorar que os estudantes trazem consigo uma bagagem de bagagem de conhecimento e por tal motivo, é no espaço da sala de aula, denominada por Rubem Alves como “artesanal” (por considerá-lo um lugar onde habitam diferentes personalidades, cada uma com uma estória, um nome, um sentimento próprio), que ela cria oportunidades para a realização de atividades inovadoras e criativas.

Em todos os problemas a nossa função é estimular a interpretação do texto, para que o conhecimento sobre as situações contribua para a elaboração das estratégias de

resolução. É possível que, no início, tenhamos que ajudar no registro das estratégias de cálculo. Talvez seja necessário também sugerir algumas notações. É fundamental que busquemos uma maneira de a criança registrar os cálculos exatamente da forma como está pensando, mesmo que, inicialmente, esse procedimento nos pareça longo, prolixo. Socializar as estratégias, fazendo algumas análises é importante para que se crie um acervo de procedimentos e para que as crianças possam ir "requintando" seus procedimentos de cálculo.

Para resolver os problemas vale desenhar, fazer notações numéricas e até mesmo escrever como estão pensando. A produção de textos nas aulas de Matemática cumpre um papel importante para a aprendizagem do aluno e favorece a avaliação dessa aprendizagem em processo. Organizar o trabalho em Matemática de modo a garantir a aproximação dessa área de conhecimento e da Língua Materna, além de ser uma proposta interdisciplinar, favorece a valorização de diferentes habilidades que compõem a realidade complexa de qualquer sala de aula.

Entre as crianças que inicialmente contam com os dedos ou fazem risquinhos no papel, há muitos que avançam para a decomposição decimal graças à interação com os colegas que a utilizam. Para outras, contudo, é difícil abandonar suas estratégias originais e é necessário ajudá-las de diferentes maneiras: propondo a elas que recorram a materiais adequados, com o objetivo de que criem uma ponte entre o seu procedimento e o das outras crianças... (Lerner, 1996 p.139)

Isso me faz perceber o respeito e a valorização desta professora em relação a capacidade intelectual e à criatividade de seus alunos. Para que o conhecimento seja facilmente assimilado é necessário permitir que as crianças dêem "asas a sua imaginação", ou seja, possibilitar que elas tenham total liberdade de tirar suas próprias conclusões, e, com tempo, as modificando, ao passo que o conhecimento vai sendo consolidado.

O professor que valoriza o esforço, tanto o seu próprio como o do aluno, está ampliando as possibilidades de o aluno sentir-se capaz de enfrentar os desafios e dificuldades escolares.

Com referência a esta última frase, posso afirmar que para as professoras observadas não existia uma fórmula exata para chegar ao resultado esperado; os alunos tinham direito completo de chegar ao resultado da maneira que eles achavam mais conveniente. E, na hora da correção, as professoras solicitavam que as crianças expliquem como raciocinaram, descrevendo o seu método no quadro negro.

Comprovando este último parágrafo, reproduzo aqui um texto de um aluno, pois o mesmo foi muito elogiado pela professora de português e realmente foi muito bem elaborado e de muita criatividade. Eu, particularmente, gostei muito.

Classificados

Procura-se uma formiga

Engenheira, forte, esforçada,

Mas, muito delicada.

Procura-se uma formiga

Que trabalhe dia e noite,

Mas, com tempo para o almoço.

Procura-se uma formiga,

Dura e pé no chão,

Mas com um belo coração.

Finalizando este capítulo, posso dizer que o clima presenciado em ambas as salas de aula foi de uma extrema amizade visível entre os alunos e entre a professora e sua turma. Eram turmas que aprendiam, de forma lúdica, através de jogos (duelo gramatical, por exemplo) e que tinham como resultados os melhores possíveis, pois a turma toda participava e quando um aluno se dispersava, logo era chamado a voltar a prestar atenção. E assim a prática observada, comprova que é possível concretizar uma proposta política pedagógica eficaz.

## CAPÍTULO II – MOTIVAÇÃO

Pode-se definir motivação como um conjunto de razões e justificativas que implicam o comportamento de uma pessoa. Seria um conjunto de fatores que acionam o organismo. Derivada desta palavra, nós encontramos a palavra motivo, utilizada quando nos referimos ao comportamento humano. Motivo é o fator que desperta, sustenta e dirige o comportamento, sendo a força propulsora da conduta. Ainda pode-se dizer que é a condição interna que ativa o indivíduo e o predispõe a emitir certas respostas.

A motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, seus professores e colegas. Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento. A motivação é um fator que deve ser equacionado no contexto da educação, ciência e tecnologia, tendo grande importância na análise do processo educativo. A motivação apresenta-se como o aspecto dinâmico da ação: é o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma ação, a orientá-la em função de certos objetivos, a decidir a sua persecução e o seu termo.

O principal objetivo da educação é o de levar o aluno com certo nível inicial a atingir um determinado nível final. Se conseguir fazer com que o aluno passe de um nível para outro, então terá registrado um processo de aprendizagem. Cabe aos educadores proporcionar situações de interação tais, que despertem no educando motivação para interação com o objeto do conhecimento, com seus colegas e com os próprios professores. Porque, mesmo que a aprendizagem ocorra na intimidade do sujeito, o processo de construção do conhecimento dá-se na diversidade e na qualidade das suas interações. Por isso a ação educativa da escola deve propiciar ao aluno oportunidades para que esse seja induzido a um esforço intencional, visando resultados esperados e compreendidos.

Assim, o professor terá que levar seus alunos a descobrir, através do raciocínio, tudo aquilo que ele quer transmitir. Terá que desenvolver neles a criatividade. Ter criatividade é enxergar tudo aquilo que sempre esteve ali e que ninguém via. Este professor poderá se valer de pistas, de dicas ou de qualquer outro recurso que leve o aluno ao raciocínio e conseqüentemente irá despertar no mesmo o interesse pelo tema que está sendo estudado.

A partir disso, pode-se dizer que as interações professor-aluno constituem um momento privilegiado de concretização do pensamento pedagógico do professor e da transmissão, intencional ou não, de suas crenças sobre o aluno e o processo educacional. As atribuições de causalidade enquanto crenças pessoais acerca das causas de um determinado evento podem afetar as características das interações professor-aluno e, por essa via, o desempenho escolar dos alunos.

É indispensável que o professor permita ser assimilador do conhecimento que o aluno pode transmitir, partindo do reconhecimento das experiências trazidas pelos alunos para a sala de aula. Principalmente se o intuito do educador é seguir os ensinamentos de Paulo Freire, que valorizavam o diálogo em sala de aula, a fim de que este permitisse que o processo ensino-aprendizagem obtenha um resultado eficaz. Para tal objetivo ser alcançado é necessário que o professor desperte a curiosidade dos alunos, participando ativamente do desenvolvimento das atividades realizadas pelos alunos e auxiliando no que for possível. O aluno se sente motivado ao perceber que é capaz de realizar com sucesso o que é proposto e a partir daí, surge o prazer pelo aprender.

Algo fundamental e que deve ser dito compete a percepção do professor em relação ao seu papel no processo desenvolvido em sala de aula, ou seja, captar que facilita a aprendizagem e passível de compreender os sentimentos e as rotinas de seus alunos. O professor deve vivenciar o aluno dentro e fora da sala de aula, pois somente assim, será capaz de conhecê-lo completamente.

"As relações professor-aluno, geralmente iniciadas, mantidas ou concluídas através da mediação direta ou indireta do professor, constituem um momento privilegiado de concretização do seu pensamento pedagógico e da transmissão, intencional ou não, de suas crenças e sentimentos sobre o aluno, sobre as causas responsáveis pelo sucesso dos seus alunos na escola, sobre seu próprio papel como professor, sobre a função da escola e tantos outros aspectos importantes do contexto educacional (Martini, 2002, p.148)"

Nas situações de sucesso escolar, se costuma perceber que as professoras atribuem o bom desempenho dos alunos principalmente à capacidade e esforço dos próprios alunos, porém, elas também são responsáveis por este sucesso, ao permitirem e respeitarem as idéias e as falas de seus alunos. O professor deve intermediar a relação entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade a ser realizada para o domínio do conhecimento. Definir a capacidade e esforço em situações de sucesso, quando estas se encontram interligadas a estratégias de aprendizagem adequadas são condições inerentes ao sujeito e favorecem o sucesso escolar, na medida em que acarretam na criação do auto-conceito positivo dos alunos, possibilitando o sentimento de competência no processo de aprendizagem e auxiliando os alunos a permanecerem motivados na realização das atividades acadêmicas, contribuindo para um melhor desempenho escolar em sala de aula.

"Como apontam Boruchovitch (1994) e Boruchovitch e Martini (1997), quando se pensa em atribuições de causalidade e sucesso escolar, o esforço é um dos fatores fundamentais, principalmente por estar sob controle do sujeito e ser uma causa predominantemente instável. A persistência para a realização de uma tarefa, bem como as expectativas de sucesso futuro parecem aumentadas quando atribuições de alta de capacidade para o fracasso são alteradas para falta de esforço ou para barreiras externas temporárias (Martini, 2002, p.153)"

## 2.1 – AFETIVIDADE

O ser humano é dotado de desejos, vontades e sentimentos próprios que começam a se desenvolver desde o nascimento. Ao longo da infância, ocorre o processo de desenvolvimento sócio-afetivo da criança, período em que são importantes as interações que proporcionam vivências afetivas. Tanto a família quanto os professores exercem um papel importante no desenvolvimento afetivo da criança porque são eles, enquanto sujeitos mais experientes, que coordenam o processo de aprendizagem. Nesse sentido, tanto Wallon quanto Vygotsky e Piaget consolidam o entendimento sobre os aspectos sócio-afetivos para a cognição. Diante disso se pretende analisar a importância dos aspectos sócio-afetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem, com foco na importância da afetividade como recurso motivacional e para a relação professor-aluno.

A afetividade é considerada a energia que move as ações humanas, ou seja, sem afetividade não há interesse nem motivação. Vygotsky (1998), por sua vez, afirma que o ser humano se constrói nas suas relações e trocas com o outro e que é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento, inclusive afetivo.

Segundo Wallon (apud Almeida, 2001:51) "a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e quando integradas, permitem a criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados".

Partindo do pressuposto de que a afetividade é um composto fundamental das relações interpessoais e que também norteia a vida na escola, acresce em relevância uma pesquisa teórica que facilite a compreensão, por exemplo, da relação entre a afetividade e a aprendizagem no âmbito da relação professor-aluno para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da inteligência emocional e para o processo de avaliação da aprendizagem.

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

Sendo assim, um professor afetivo com seus alunos, que busca a aproximação e realiza sua tarefa de mediador entre eles e o conhecimento, atuará na zona de desenvolvimento proximal, isto é, na distância entre o nível de conhecimento real e aquele que os alunos poderão construir com a sua ajuda. A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real (OLIVEIRA, 2002, p. 60). Para este autor, a motivação realmente terá sucesso se interferir nesta zona de desenvolvimento, considerada por Vigotsky, como local de impulso de maior transformação ao desenvolvimento psicológico da criança. A afetividade passa, então, a ser um estímulo que gerará a motivação para aprender. No entanto, cabe ressaltar que a motivação para a aprendizagem depende das estratégias didáticas, da qualidade das intervenções do professor e também do modo como planeja e utiliza certos recursos em suas aulas, como: metodologia de projetos, aulas-passeio, dramatização, lúdico, entre outros.

Refletindo sobre o tema afeto, me questionei sobre o significado da palavra afeto e fui procurá-lo na internet. De acordo com o site pesquisado, afeto (*affectus* ou *adfectus* em latim) é um conceito usado em filosofia, o qual designa um estado da alma, um sentimento. De acordo com a definição de Spinoza, um afeto é uma mudança ou modificação que ocorre simultaneamente no corpo e na mente. A maneira como somos afetados pode diminuir ou aumentar a nossa vontade de agir.

Assim, quando a inteligência é provocada pelo desejo, ela cresce e se dispõe a fazer coisas ditas impossíveis, pois a inteligência é a ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. E, a partir disso, percebe-se a necessidade

do professor em seduzir o aluno, visando despertar o interesse no aluno sobre o que está sendo transmitido. O professor deve saber cativar a atenção do aluno para o conhecimento ensinado. Sendo esta sedução diretamente relacionada ao afeto, para ter como resultado do processo ensino-aprendizagem o sucesso escolar, através das boas notas obtidas pelos alunos. O que o professor acredita ser importante para se tornar um objeto de sedução acaba sendo importante para o aluno também.

Sabendo que o objetivo do trabalho do educador é a aprendizagem do aluno, alguns fatores são importantes para que ocorra essa aprendizagem, tais como: capacidade intelectual e vontade de aprender, por parte do aluno; conhecimentos e capacidade de transmitir conteúdos, por parte do educador; apoio dos pais nas atividades extra-classe e outros. Portanto, é a afetividade o grande estimulante na efetivação do conhecimento.

Quando o professor se dispõe a ensinar e o aluno a aprender, vai se formando uma corrente de elos afetivos que propicia uma troca entre ambos, onde a motivação, a boa vontade e o cumprimento dos deveres acabam deixando de ser tarefas árduas para o aluno. Criatividade, interesse e disposição para esclarecer dúvidas, funcionam como estímulo para o professor.

O professor é constantemente convocado a dar provas do seu conhecimento para estar autorizado em relação ao pedido do seu aluno. Mas afinal, o que o aluno pede ao professor? Além do amor, o aluno pede que o professor lhe ensine, que lhe dê o seu conhecimento adquirido e arduamente elaborado durante anos. Mas ao mesmo tempo, pede e quer ser independente, pede e quer pensar por conta própria. (Von Hohendorff, 1999, p.57).

Caso não seja estabelecida uma relação afetiva entre professor e aluno, é ilusão acreditar que o ato de educar tenha sucesso completo. Ou seja, pode até haver algum tipo de fixação de conteúdo, mas não será uma aprendizagem significativa, nada que prepare esse indivíduo para uma vida futura deixando, lacunas no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Freire, não existe educação sem amor. *“Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”* (FREIRE, 1983: 29). Freire (1997) ainda nos diz que o professor precisa estar aberto ao gosto de querer bem. Isso não quer dizer que o professor tenha de querer bem a todos os alunos da mesma forma, mas que ele não deve permitir que sua afetividade interfira no cumprimento do seu dever de educador. Abertura ao querer bem significa disponibilidade para a alegria, para o afeto, para o Amor.

## 2.2 – TEORIA DA MOTIVAÇÃO

Antes de analisar a importância da motivação, é útil refletir sobre aprendizagem, a qual não comporta uma definição pronta e acabada, pois além de mudanças no comportamento, está permeada de conseqüências que dizem respeito a esta mudança. Além do fato que toda a mobilização cognitiva que a aprendizagem requer deve nascer de um interesse, de uma necessidade de saber, de um querer alcançar determinadas metas. Oliveira (2002) apresenta uma definição de aprendizagem, cujo significado é mais abrangente, pois envolve a interação social.

Aprendizado ou aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos [...] justamente por sua natureza dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado, inclui a interdependência (obuchenie) significa algo como ‘processo de ensino-aprendizagem’, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas (Vigotsky apud OLIVEIRA, 2002 p.57).

Então, a partir desta definição, percebe-se que a aprendizagem é uma mudança que se produz num sistema que chamamos aluno ao passar de um estado inicial a um estado final e que implica normalmente numa interação do aluno com o meio, captar e processar os estímulos provenientes do exterior que foram selecionados, organizados e seqüenciados pelo professor.

Como consequência da aprendizagem, o aluno transforma seu estado inicial, alcançando um estado final que se caracteriza por ser capaz de manter uma conduta que antes do processo era incapaz de gerar; o aluno é capaz de realizar algo que antes não podia ou não sabia fazer. Assim, a aprendizagem é uma construção que o aluno realiza sobre a base do estado inicial ao incorporar a nova informação em seus esquemas cognitivos.

Vigotsky ressalta em suas investigações e discussões que o aprendizado desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois estimula, cria e ativa processos internos de desenvolvimento que, no âmbito das interações e interlocuções com outro(s), podem ser modificados em aquisições internas das crianças.

Quanto ao papel da escola no aprendizado, Vigotsky considera que sua função é a de transmitir o conhecimento científico sistematizado e, também, produzir algo novo no desenvolvimento da criança, especificamente formalizando conteúdos próprios, diferenciados do conhecimento cotidiano, ou seja, por meio dela as crianças aprendem conteúdos que foram construídos pela ciência e que têm potencial de abstração e generalização.

Ainda citando Vigotsky:

(...) o que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia; deve-se voltar não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento(...) o aprendizado deve ser orientado para o futuro, não para o passado. (1991, p.89)

No que se refere à motivação para a aprendizagem, é oportuno diferenciar dois conceitos: motivação e incentivo. Conforme Sabbi (1999), a motivação é algo

despertado interna e subjetivamente em cada pessoa, sendo que, para que isso aconteça, são necessários estímulos. A qualidade dos estímulos, no caso dos alunos, determinará se eles se sentirão motivados ou não. Nesse sentido, a afetividade pode ser compreendida como um estímulo porque “[...] a afetividade gera motivação. Se existe motivação, a criança realiza tarefas mais complexas” (SABBI, 1999, p.16).

A teoria geral da motivação, formulada por Weiner, dizia que as atribuições que o sujeito se dá a si mesmo de seus êxitos, ou da conduta dos demais, desempenham um papel central. De acordo com esta teoria, na qual a conduta é considerada como um contínuo de episódios dependentes uns dos outros, quando as pessoas obtêm resultados inesperados, tendem a se perguntar pelas causas que as determinaram e a buscar respostas a tais perguntas.

A motivação deve receber especial atenção e ser mais considerada pelas pessoas que mantêm contato com as crianças, realçando a importância desta esfera em seu desenvolvimento. A motivação é energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, o exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros.

Pais, educadores e especialistas que lidam com as crianças podem levar em conta a construção motivacional na infância, antevendo as suas decorrências futuras, tais como a auto-percepção e o hábito de desenvolver a motivação intrínseca, reduzindo a necessidade de buscar motivação extrínseca para a realização de alguma tarefa.

Ao compreender aspectos da motivação neste período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer à criança, desde que haja um compromisso nesta relação. A sua presença é fundamental. A criança se sente motivada ao executar muitas tarefas em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realiza. Os bons motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural da criança, além de gerar harmonia entre os elementos internos e externos, parte de nossa própria natureza humana.

### 2.3 – RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO

Professores e alunos, enquanto sujeitos, pertencem a espaços sociais, dimensões de individualidade e subjetividade distintas, carregando uma identidade própria. Isto quer dizer que, ao se encontrarem em um espaço comum de sala de aula, seus papéis, que já estão pré-estabelecidos socialmente, passam a ganhar outra função. O professor deverá exercer o ofício, que já está designado, de ensinar e seus alunos deverão aprender, e é neste momento que as relações se cruzam. Isso significa que a relação entre professor e aluno pode definir o percurso de todo um aprendizado o que conseqüentemente pode ter um resultado positivo na trajetória deste educando. É importante destacar neste item que, independente de como seja esse professor, ele será sempre alguém para ser lembrado, um referencial que deixará marcas na vida de seus alunos – independente do que sua profissão estabeleça, não é por ela que será lembrado. Paulo Freire diz: “O professor irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca” (1997, p.73).

O educador é quem controla o processo produtivo, tem liberdade de criação e ação, além de ordenar tipos e seqüência de atividades. É também um trabalho dos mais delicados porque necessita de um investimento afetivo na relação professor-aluno, principalmente por parte do educador, a afetividade não deve ser esquecida, pois ela é um fator essencial nesse processo, visto que, funciona como elo de sedução entre educando e educador.

Quando fiz a seguinte pergunta para minha amiga e professora de educação infantil, "Quais os elementos que permitem que você alcance o sucesso escolar com seus alunos?", obtive a seguinte resposta:

“Primeiramente o comprometimento, que, conseqüentemente, me leva a ser uma professora reflexiva, o que me faz aperfeiçoar a cada dia a minha prática. O conhecimento que tenho também é um quesito

indispensável, visto que quando alio a teoria à minha prática, volto à esta prática com outro olhar. Posso incluir também a parceria com as famílias. Não há um trabalho de qualidade sem que haja o envolvimento destas. Por último destaco a afetividade, já que acredito que esta seja essencial para aprendizagem”.

(Professora X, 2008)

A partir desta resposta, podemos perceber que se torna essencial uma boa relação entre o professor e o aluno, já que é necessário ao professor tornar-se um canal ou um meio que possibilite o aprendizado também a partir do seu incentivo. Assim, deve-se pensar no processo ensino-aprendizagem na perspectiva da complexidade, o que implica na necessidade de exercitar-se uma prática pedagógica mais dialógica, de forma que se possa, de modo compartilhado, refletir, duvidar, estudar, indagar sobre o vivido cotidianamente na escola, buscando criar alternativas e intervenções pedagógicas favoráveis à aprendizagem.

O diálogo é uma forma de se construir coletivamente o conhecimento, possibilitando que tanto o aluno quanto o professor amadureçam. E a partir daí, o conhecimento começa a ser dividido em sala, possibilitando que há uma troca de informações e exposições de diversos pontos de vista, até uma completa assimilação sobre o assunto.

Esta completa assimilação acarretará em um professor satisfeito por divulgar o conhecimento e em um aluno realizado por conseguir compreender e armazenar o que foi transmitido de uma forma ideal, a forma esperada pelo professor. E assim, é perceptível que a relação professor-aluno deve ser de completa interação, a fim de que se estabeleça a confiança entre ambas as partes, sendo esta confiança um primeiro passo para o surgimento de uma “cumplicidade” entre ambos.

“As relações entre atribuições de causalidade e desempenho escolar foram amplamente investigadas por Weiner (1979; 1985). Para Weiner as experiências de sucesso e fracasso em atividades acadêmicas são geralmente atribuídas a fatores

como inteligência, esforço, dificuldade da tarefa, sorte, temperamento, cansaço, influência do professor e influência de outras pessoas. Entretanto, o autor reconhece a possibilidade de uma lista infinita de causas concebíveis para sucesso e fracasso escolar e sugere a criação de um esquema de classificação destas a partir da identificação das semelhanças, diferenças e propriedades básicas das atribuições de causalidade definindo, então, a existência de três dimensões das causas: a internalidade (causas internas ou externas ao sujeito), a estabilidade (causas estáveis ou instáveis) e a controlabilidade (causas controláveis ou incontroláveis pelo sujeito) (Martini, 2002, p.148)".

Tentando responder à seguinte pergunta: o sucesso escolar estaria diretamente ligado à motivação produzida em sala de aula na relação professor-aluno?, citarei um trecho de Rubem Alves, no livro "Educação dos Sentidos":

“...freqüentemente se aprende uma coisa de que não se gosta por se gostar da pessoa que a ensina. E isso porque – lição da psicanálise e da poesia – o amor faz a magia de ligar coisas separadas, até mesmo contraditórias”.  
(2005,p.69)

Esta frase fez com que eu recordasse a resposta da professora observada, referente à seguinte pergunta: O que é indispensável para uma boa relação entre professor e aluno?, pois a resposta foi muito simples e muito profunda, conforme segue abaixo:

“Eu acho que tem duas coisas indispensáveis: o afeto (sem afeto eles (os alunos) nem ouvem, o importante é eles gostarem do professor) e o interesse. Quando menos motivados, mais tensa fica a relação.”.

Nas abordagens do ensino e da aprendizagem numa perspectiva interacional o diálogo é considerado central, o que implica, entre outras considerações, planejar o ensino de modo a fazer os ajustes necessários para se estabelecer uma situação de

comunicação que leve em conta a perspectiva do aluno. Isto envolve não somente uma noção genérica sobre a motivação, a capacidade e o conhecimento prévio desse aluno, mas também a observação e a reflexão sobre a prática do ensino, de modo a incorporar elementos comuns aos grupos socioculturalmente distintos que entram em contato na aula - professor e alunos. Uma concepção interacionista da aprendizagem implica o compromisso de tentar conhecer o aluno: seus interesses, seus objetivos, suas experiências e seus conhecimentos deverão servir de ponto de partida para o trabalho pedagógico.

O primeiro passo para o exercício da pedagogia mais dialógica é reconhecer as inúmeras formas de perceber, pensar, dizer, sentir, aprender, ensinar, criar, existentes dentro de uma mesma sala de aula, promovendo sentidos e significados não só ao que é transmitido, mas também para o emissor e para o receptor que é transmitido. Após o reconhecimento das diversidades existentes na sala de aula, seremos capazes de aceitar que, é possível, que os alunos aprendam por caminhos diferentes dos que nos ensinaram a ensinar. E, assim, nos será possível compreendê-los como sujeitos de conhecimento, com seus modos singulares de ser, pensar, fazer, aprender e viver. Para Paulo Freire o ato educativo deve ser sempre um ato de *re-criação* e de *re-significação* de significados. O relacionamento educador-educando, nessa perspectiva, posiciona-se na horizontalidade, onde juntos, são considerados sujeitos do ato do conhecimento.

As interações professor-aluno constituem um momento privilegiado de concretização do pensamento pedagógico do professor e da transmissão, intencional ou não, de suas crenças sobre o aluno e o processo educacional. As atribuições de causalidade enquanto crenças pessoais acerca das causas de um determinado evento podem afetar as características das interações professor-aluno e, por essa via, o desempenho escolar dos alunos.

De acordo com Rubem Alves, no livro *Educação dos Sentidos*, "...há coisas que só se aprendem se não se sabe que está aprendendo e que só se ensinam quando não se percebe que se está ensinando".(2005,página 41)

## CONCLUSÃO

Através dos anos de permanência nesta Instituição de Ensino, aprendi e internalizei que cada vez mais os professores precisam estar atentos aos interesses dos alunos para que suas aulas sejam mais vivas, motivadoras e dinâmicas. É importante aproximar professor e aluno, de maneira a realizar uma aula mais gratificante para o professor, o que lhe serve como estímulo e como aprendizagem mais sólida e construtiva para o aluno.

Somente transmitir informações não aumenta a inteligência de ninguém, não basta para quem está em busca de mais conhecimento. Para tanto, é preciso despertar a inteligência, fazendo a pessoa perceber que pode sempre aprender mais, despertando-lhe ânimo e vontade para aumentar seus conhecimentos.

Assim, a motivação será sempre válida no processo ensino-aprendizagem como incentivo para desencadear impulsos no interior do aluno a fim de predispô-lo a querer participar das atividades escolares pelo educador e, para isto vale observar o momento e o tipo certo de estímulo a ser utilizado.

Ferreira (2002) lembra que, para aprender um conteúdo ou matéria, é preciso que o aluno tenha um objetivo que o motive durante o período de tempo em que precisa para realizar as atividades. Assim, cabe ao professor fornecer meios que estimulem o aluno nessa aprendizagem. Considerando-se que motivar significa fornecer um motivo para a aprendizagem, isto é, estimular a vontade de aprender, a autora entende que, no trabalho educacional, é preciso respeitar as diferenças individuais, pois os mesmos incentivos não atingem o mesmo resultado sobre alunos de idades e graus de cultura diferentes. Resumindo, para uma boa aprendizagem, é preciso uma boa motivação. E foi justamente isso que presenciei na escola observada. Para se motivar um aluno é necessário respeitar e incentivar o desenvolvimento de suas idéias. Como querer que um aluno responda algo, sabendo ele que será alvo de críticas?

Assim deve-se ressaltar que a motivação será sempre válida no processo ensino-aprendizagem como incentivo para desencadear impulsos no interior da criança a fim de predispô-la a querer participar de atividades escolares pelo educador e, para isto, vale observar o momento e o tipo certo de estímulo a ser utilizado. As professoras observadas se utilizavam de jogos para auxiliar na assimilação do conhecimento que estava sendo transmitido. Permitindo que o aluno sinta prazer durante o processo de ensino-aprendizagem, o resultado esperado (o domínio do conhecimento) será mais rapidamente alcançado. Creio que para elas, assim como para mim, O jogo torna a aprendizagem muito mais estimulante e prazerosa; bem como oportuniza ótimos resultados no desenvolvimento emocional, cognitivo e social do ser humano. Dessa forma, utilizando diferentes linguagens como, por exemplo, verbal, gráfica e plástica o professor estará colaborando para uma aprendizagem de melhor qualidade.

A partir disso é possível afirmar que a motivação é e será sempre uma grande aliada na aprendizagem, para que esta seja satisfatória e não apenas um complemento de informações. Todavia, para que os estímulos sejam realmente incentivadores, é preciso que se paute nos significados do ato de aprender e na sua utilidade. A motivação é algo que ocorre, geralmente, de forma externa ao indivíduo, sendo considerada um impulso para a pessoa poder agir ou reagir diante da situação criada, a ação impulsiona ou motiva a pessoa a fazer algo através do prazer de fazer ou de uma necessidade inevitável.

Na escola em que fiz minha observação, consegui descobrir que o mais motivador para um aluno é ter um bom professor; aquele que sabe motivar seus alunos, pois somente assim cria-se uma sintonia entre o professor e seus alunos, até mesmo uma relação de cumplicidade. Ter tido a oportunidade de observar o trabalho pedagógico da escola citada neste trabalho fez com que eu percebesse que ainda é possível fornecer uma "educação" de qualidade para as nossas crianças, receptíveis do conhecimento a ser transmitido. E, sendo assim, a esperança de uma educação de qualidade superior ainda está presente e bem ao nosso alcance, só basta realmente arregaçarmos as mangas e irmos à luta.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BALANCHO, M. J. S.; COELHO, F. M. **Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas**. 2.ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.
2. BORUCHOVITCH, E. (1994). **As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem: Uma contribuição para a psicologia escolar**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(1), 129-139.
3. BORUCHOVITCH, E. & MARTINI, M. L. (1997). **As atribuições de causalidade para o sucesso e fracasso escolar e a motivação para aprendizagem de crianças brasileiras**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 49(3), 59-71.
4. BZUNECK, J.A. **As crenças de auto-eficácia dos professores**. IN:F.F.Sisto, G. De Oliveira & L.D.T Fini (Orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
5. COLL, C. & MIRAS, M. (1996). **Características individuais e condições de aprendizagem: A busca de interações**. Em:C. Coll; J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia da educação* (p. 353-373). Artes Médicas: Porto Alegre, vol. 2.
6. COLL, C., & SOLÉ, I. (1996). **A interação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Em: C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia da educação* (p. 281- 297). Artes Médicas: Porto Alegre, vol. 2.
7. DEL PRETTE, Z. A. P. (1990). **Uma análise da ação educativa do professor a partir de seu relato verbal e da observação em sala de aula**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
8. DEL PRETTE, Z. A. P. & DEL PRETTE, A. (1997a). **Habilidades sociais e construção do conhecimento em contexto escolar**. Em: D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A aplicação da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos* (p. 234-250). São Paulo: Airbytes.
9. DEL PRETTE, Z. A. P. & DEL PRETTE, A. (1997b). **Um programa de desenvolvimento de habilidades sociais na formação continuada de**

- professores.** Em: Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Org.), *CD-Rom dos trabalhos selecionados para apresentação para o grupo de formação continuada de professores*, 29 páginas, 20ª Reunião anual da ANPED, Caxambu, MG.
10. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
  11. FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.
  12. FURNARI, Eva. **Os problemas da família Gorgonzola.** Editora Global, 2002.
  13. JESUS, Alonso Tapia e FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula – O que é, como se faz.** Edições Loyola (SP), 1999
  14. MARTINI, M. L. (1999). **Atribuições de causalidade, crenças gerais e orientações motivacionais de crianças brasileiras.** Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da UNICAMP.
  15. MYERS, David. **Introdução à Psicologia Geral.** Michigan: Worth Publishers, 1998.
  16. NOT, Louis. **Ensinando a aprender: elementos de psicodidática geral.** São Paulo: Summus, 1993.
  17. SACRISTÁN, J. G. & GOMES, A. (1998). **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: Artes Médicas.
  18. VIGOTSKY, L.S., **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
  19. VIGOTSKY, L.S., **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991
  20. VON HOHENDORFF, C.M., **Cultura é aquilo que fica de tudo que se esquece. Psicanálise e Educação: uma transmissão possível.** Revista da Associação Psicanalítica, Porto Alegre, n.16, p.52-60, 1999.
  21. WEINER, B. **A theory of motivation for some classroom experiences.** Journal of educational psychology, 71(1),3-25.
  22. WEINER, B. **An attributional theory of achievement motivation and emotion.** Psychological Review, 92(4), 548-573.

**Sites pesquisados em 17/11/2008:**

1. <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/450/409>
2. [http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/aspectos\\_socioafetivos.pdf](http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/aspectos_socioafetivos.pdf)
3. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile/3302/2646> -
4. <http://www.nea.fe.usp.br/sigepe/informacoes/upload/METODOPFreflex01.pdf> -
5. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Afeto\\_\(filosofia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Afeto_(filosofia))
6. <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=813>
7. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile/3302/2646>
8. [http://www.netsaber.com.br/resumos/ver\\_resumo\\_c\\_2860.html](http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_2860.html)
9. <http://www.artigonal.com/article-tags/ensino-%E2%80%93-aprendizagem>
10. <http://veterariosnodiva.com.br/books/afetividade-ambiente-pedagogico.pdf>



## SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Albernaz de MedeirosNota: 9,0 nove

## Considerações:

Esta monografia revela um trabalho feito com cuidado com preocupação com o detalhe demonstrado em sua metodologia. A escolha da escola em questão aponta para uma questão importante: o sucesso no processo ensino-aprendizagem quando a moda é falar do fracasso...  
 Teria sido interessante que a Refare fizesse uma revisão do texto para melhorar sua expressão na língua portuguesa.  
 Última observação: este é um texto que fala de alegria!

Data: 09.12.2008Assinatura: Sandra Medeiros

## TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. MenezesNota: 9,0

## Considerações:

O trabalho estende o momento das exigências para elaboração de um texto acadêmico (científico).

Data: 23/12/08Assinatura: Janaina

## RESULTADO FINAL

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Avaliador 3 | Média final |
|-------------|-------------|-------------|-------------|
|             |             |             |             |